



# VILAVERDENSE

AVENÇA

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA — Telef. 22654)

PROPRIEDADE: Nossa Senhora do Alívio	DIRECTOR E EDITOR: Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Padre Severino Pereira Fernandes Telef. 92123 — Residência Paroquial de Prado — Braga
---	--	---

## Problemas da crise da Lavoura

## NA CAMINHADA DO CONCÍLIO

XXII

- **A crise dos vinhos verdes.**
- **Uma reunião histórica na Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.**
- **A nossa posição.**

Por ANTÓNIO DE SÁ

Referiu-se largamente a imprensa diária à reunião efectuada na Sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, no dia 28 do passado mês de Novembro.

Houve jornais que chegaram a afirmar que os problemas dos vinhos verdes foram aí plenamente esclarecidos, sem possibilidades para dúvidas e que, depois da exposição do senhor presidente e de terem falado o escrevinhador destas notas e o senhor dr. Pinto de Mesquita, ninguém mais quis usar da palavra.

E pena que não tivessem calado tais afirmações, porque há questões em que é melhor não tocar, muito mais, quando se mostra uma inconsciência dos problemas e uma falta de respeito à verdade. O escrevinhador mal pôde falar.

Falou o senhor presidente, Costa Leme, que teve a amabilidade de oferecer a todos os presentes uma cópia da sua notável exposição.

Tem a Comissão de Viticultura um presidente, cheio de vida, inteligente e capaz de realizar uma obra. Contudo tememos que o ambiente criado, o estiolamento da Comissão durante

dezenas de anos, hábitos inveterados, façam obstrucionismo e que as coisas continuem em planos para largo futuro, com umas coisas bonitas aqui e acolá, que não se reflitam na melhoria geral dos mercados dos vinhos. Assim os nossos lavradores, que accorrem em tão grande número à referida reunião, na esperança de esclarecimentos para imediata melhoria do mercado, ficaram na dúvida, que manifestaram na saída bem claramente, visto não terem tido oportunidade de falar, só com uma certeza de que, para já, só teriam de pagar maior taxa por pipa de vinho.

Na exposição reconheceu o senhor presidente que tem havido o facto de «... não contactarmos suficientemente, o não trocarmos impressões amiúde... A circunstância de este Organismo viver há longos anos em regime de Comissão Administrativa pode explicar este indesejável estado de coisas...»

Daqui resulta, imediatamente que devemos envidar os melhores esforços no sentido de conseguir com a máxima urgência a adequada estruturação da Comissão de Viticultura, porém tal reestruturação não se poderá fazer de um dia para outro e, entretanto, os problemas que nos afligem reclamam pronta resolução... o problema básico de momento portanto, era o do apetrechamento financeiro do Organismo, visto que em 27 anos de vida administrativa se haviam verificado 7 anos de saldos negativos, pequenos embora... E a acumulação dos muitos saldos positivos, presentemente ainda em bom nível, permitindo até agora grande margem de segurança, atentas as novas atribuições e consequentemente responsabilidades, como o estabelecimento de adequada rede de armazéns, outra de unidades de destilação, etc., e ainda o necessário incremento da realização dos planos de Adegas Co-

operativas, não se nos afigura na sua projecção para o futuro em nível proporcional aos encargos. Significa isto que o nível de receita desta Casa proveniente das taxas fixadas em 1944 (quase há vinte anos) está perfeitamente desactualizada...»

Propõe, para já, o pagamento seguinte por pipa de 500 litros: 5\$00 de manifesto; 20\$00 por guia de trânsito e mais 25\$00 para fomento económico.

Perfaz o total de 50\$00, e se vier a pagar-se mais 25\$00 para a Junta Nacional dos Vinhos, de que vai pedir-se a suspensão ao Governo, será o total de 75\$00.

Para quê? Diz o senhor presidente: «... será o da intervenção no mercado para armazenamento em natureza e o da destilação para aguardentes de boca, de alta qualidade...»

Diz ainda que: «... A única solução defensável para intervenção no mercado, e de momento, é a intervenção para queima, isto é, para produção de aguardentes víquicas sem qualificativo especial. E' portanto uma operação a que se não deve, nem pode, tirar um marcado aspecto de emergência e como tal só a ela recorrendo em casos de absoluta necessidade e com a devida prudência. Como entretanto, será ele que, durante tempo que ainda difícil é definir, tem que estar na base das intervenções no mercado dos Vinhos Verdes, não se pode estar, como até aqui, à mercê de improvisações. (Todo o sublinhado é nosso).»

Portanto deduzimos nós e os lavradores — que são na região demarcada dos Vinhos Verdes o mesmo que vinicultores — o seguinte, que o senhor Presidente reconheceu, pelo menos implicitamente, embora confessando que não é culpado desta situação.

(Continua na 4.ª página)

### A eleição da Junta de Freguesia de Prado

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Juiz da Comarca de Vila Verde:

Sendo-nos pedido, de harmonia com o art.º 54.º da Lei da Imprensa para declarar se António Gomes Soares, do lugar da Estrada, freguesia de Santa Maria de Prado, estava ou não abrangido nas locais publicadas no jornal «O Vilaverdense», de que sou Director, nos números 192 e 193, de 27 de Outubro e 10 de Novembro de 1963, cumpre-nos dizer o seguinte:

1.º — Que o n.º 192, ao dizer «Não! Prado não quer a constituir a Junta de Freguesia elementos arruaceiros e violadores do culto público», não se refere a todos os elementos;

2.º — Que o número 193 logo veio desfazer qualquer equívoco alegando não atingir todos os elementos pois que «nem todos tomaram parte na arruaça da Festa da Páscoa, nesta Vila de Prado».

Realmente:

a) — «O Vilaverdense» n.º 179, de 23 de Abril de 1963, publicou que tomaram parte na arruaça do Domingo de Páscoa, Bento Cerqueira da Silva e seu filho José Miguel Gomes Cerqueira da Silva;

(Continua na 4.ª página)

### Na Morte dum Herói

*Kenedy, grande, egrégio americano, Etrénuo defensor da liberdade, Que a arma d'um sicário, fero, insano, Brutalmente lançou na eternidade.*

*Homem de fé, carácter espartano, Caído no vigor da mocidade, No combate ao marxismo desumano Que quer avassalar a humanidade.*

*Choram-te multidões em amargura Que a tua varonil, alta figura, Não-de, por largo tempo, relembrar.*

*Deus fez-te, porém, graça, ao permitir Que não fosses forçado a intervir, Na iminente hecatombe nuclear!*

30-11-63

A. S. S.

### Grande Feira e Festa de S.ª Luzia em Vila Verde

no dia 13 de Dezembro

Seguindo a grande e secular tradição vão realizar-se, na Sede do Concelho, no dia 13 de Dezembro, as Feiras e Festas de Santa Luzia.

São das maiores e mais tradicionais Feiras Anuais, conhecidas pelas Feiras do mel e das maçãs e pelas suas grandes transacções.

Haverá concertos musicais, altifalantes, Zés P'reiras.

Na Capela de Santo António, será cantada Missa Solene, às 11 horas, com sermão.

Durante o dia, os tradicionaisromeiros, vindos de longes terras cumprirão os seus votos.

O Concílio fez, de algum modo, com que um dia brilhante surgisse na Igreja. Aberto oficialmente na festa da maternidade de Nossa Senhora, o Concílio entrou na 1.ª sessão, a qual terminou no dia da Mãe, daquela que é infinitamente Mãe porque é também eternamente Virgem! — a 8 de Dezembro de 1962. foi ela "intrusão lenta e solene à obra gradiosa do concílio; esforço generoso

para penetrar fundo no desígnio de Deus» (João XXIII).

Todavia, apesar de ser encerramento da primeira fase, a data 8 de Dezembro não marcava a suspensão dos trabalhos. Efectivamente, estes continuariam sob a direcção duma comissão constituída para esse efeito. Até à segunda sessão que deveria efectuar-se nove meses depois!

(Continua na 2.ª página)

### NÓS E A O. N. U.

A integridade da Pátria Portuguesa tem sido discutida e posta em causa na Organização das Nações Unidas, cada vez mais burlesca, chicheleira e caricatural. Contra nós têm votado ao lado de Rússia, o maior império colonialista de actualidade, os afro-asiáticos, todos os inimigos da civilização cristã e também a Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte — nossos aliados. Nem o Brasil, nação portenosa que criamos e ajudamos a crescer, escapa a esta senha diabólica.

Ora nós entramos para a O. N. U. como nação que vê na paz o maior bem que Deus pode dar aos homens. Entramos para aquela organização internacional como um povo que não deseja mais nada do que a sua liberdade, que não pede mais nada do que o respeito absoluto pelo direito que lhe assiste de trabalhar fecundamente para o progresso e para a ordem interna e externa.

Neste desejo somos solidários com todos os povos de raiz e mentalidade cristãs que defendem connosco todos os valores espirituais que o materialismo indecorosamente pretende subverter. Contra este materialismo defendemos hoje, como ontem, não só o que resta de Europa mas a própria civilização cristã.

O português, quando lhe assiste uma razão profunda e séria, torna-se obsti-

nadamente teimoso e nada o demove da posição que tomou. Neste caso, a razão que nos assiste é da própria sobrevivência como nação independente, una, indivisível. E' a consciência clarividente de que somos hoje o bastião da liberdade e da dignidade dos homens.

A Rússia compreende bem o valor desta posição e porque a compreende bem, aproveita todas as ocasiões para nos destruir. Por sua vez a Inglaterra, os Estados Unidos e o próprio Brasil têm-se mostrado incapazes de compreender a energia afirmativa de um povo nesta hora épica em que se joga o seu próprio destino. Mas foi com este extraordinária energia afirmativa, com esta capacidade inexaurível de querer que Portugal pôde manter e vencer o mais formidável duelo com o Islão, pôde enfrentar e vencer tempestades, e mistérios, pôde construir uma Nação plurirracial, espelhada por todos os continentes. Realcemos a gloriosa e portentosa arquitectura do Brasil.

Hoje, com a mesma extraordinária energia e o mesmo invencível querer, havemos de conservar a nossa configuração geográfica e espiritual. Entramos para a O. N. U. como nação livre, una, indivisível, pluricontinental e plurirracial. Lá nos havemos de conservar cu dele havemos de sair com a mesma unidade e natureza. Assim queiram todos os portugueses.

### O Grémio da Lavoura do Concelho de Vila Verde e a campanha do nosso jornal a favor da Lavoura

Teve a Direcção do Grémio da Lavoura a amabilidade de enviar o officio que transcrevemos, a respeito dos artigos publicados pelo nosso colaborador, senhor P.º Manuel Gonçalves Diogo, neste jornal «O Vilaverdense» e em outros jornais, que mereceram além de muitas transcrições na imprensa nacional, vários dos maiores prémios do SNI, do Grémio da Imprensa Regional e do Ministério das Corporações. Assim somos o jornal com o colaborador mais premiado em todo o país.

Agradecemos a atenção, porque o Grémio da Lavoura veio, espontaneamente, dar-nos alento nesta difícil campanha jornalística, às vezes, por muitos incompreendida.

Vila Verde, 2 de Novembro de 1963

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Padre Manuel Gonçalves Diogo

De acordo com a resolução tomada em 23 de Novembro findo, cumpro o grato dever de transmitir a V. Reverên-

cia o penhor do profundo reconhecimento deste Grémio, pela valiosíssima defesa que V. Reverência tem realizado na Imprensa quanto aos interesses da Lavoura Regional.

Na verdade, bem necessita a Lavoura Minhota de amigos dedicados como V. Reverência, a fim de conseguir despertar os interesses dos Altos Poderes para defesa dos mais importantes problemas.

Digne-se aceitar com o nosso profundo reconhecimento a expressão da nossa mais alta consideração.

A BEM DA NAÇÃO

Pelo Presidente da Direcção,

O Gerente,

Mário Bacelar Alves

### «O Vilaverdense»

Encontra-se à venda

Em Prado: — Na residência paroquial onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção  
Em Vila Verde: — Na Livraria Rainha.  
Em Braga: — Na Livraria Central — Avenida Marechal Gomes da Costa.



# Na caminhada do Concílio Porque me ufano do meu País

(Continuação da 1.ª página)

Porém, entretanto, a 3 de Junho de 1963, morre, com 82 anos, João XXIII, o papa do Concílio. Tal era a vontade do Senhor!

São comoventes as palavras de João XXIII ao saber que todo o mundo rezava... por ele, que jazia enfermo, havia dias: «Uma vez que todos rezam pelo Papa enfermo, é natural que haja uma intenção nessa súplica: Se Deus quiser o sacrifício da vida do Papa, que isso sirva para impear abundantes graças para o Concílio Ecuménico, para a Santa Igreja e para a humanidade que aspira à paz. Pelo contrário, se é do agrado divino o prolongamento deste serviço pontifício, que tal seja para santificação da alma do Papa e de todos os que, com ele, trabalhou e sofreu pela dilatação do reino do Senhor, tanto nas antigas como nas novas cristandades e no mundo inteiro». (Osservatore Romano).

João XXIII otterecera a sua vida e sofrimento pelo Concílio. Ora este, com a sua morte, ficava imediatamente suspenso até que uma decisão fosse tomada pelo sucessor. Contudo, como fora da vontade divina a obra conciliar e o sacrifício da vida do Papa, seria também natural que o sucessor se consagrasse à obra já tão calorosa e confiantemente iniciada.

Foi o que realmente sucedeu. Paulo VI, pouco tempo depois da sua eleição, (21 de Junho de 1963), anunciava a continuação dos trabalhos até ali interrompidos. Após isto fixava para o dia 29 de Setembro de 1963, a data da reabertura, com a segunda sessão.

Em meados de Setembro, S. S. Paulo VI, em carta ao Card. Tisserant, lembrando com saudade a figura do seu antecessor, escrevia: «Consideramos João XXIII como enviado por Deus para que a Igreja celebrasse um acontecimento tão importante como o é um Concílio Ecuménico e para que ele começasse nas circunstâncias e com o espírito que todos conhecem... Foi arrojado e feliz este Papa, na sua decisão, tendo ele ocasião de verificar a sua fecundidade salutar. Deve ter sido de veras grande o seu sacrifício por não poder assistir, na terra, depois dos primeiros acontecimentos, ao seu prosseguimento e ao seu termo». Idênticas palavras foram solenemente proferidas no discurso de abertura da segunda sessão. Tal era a veneração e a amizade que prendia a pessoa do actual Papa à pessoa do seu antecessor!

Histórico foi o discurso de Paulo VI, a 26 de Setembro de 1963, como histórico fora também o de João XXIII, a 11 de Outubro de 1962, pois a sua foi «voz que à Igreja e ao mundo pareceu profética para o nosso século». E a de Paulo VI é prolongamento e concretização. Também Paulo VI não teve receio de repetir as palavras que são as directrizes da obra conciliar.

Cristo é o centro do Concílio, como o é do Mundo e da História. D'Ele tudo parte e para Ele tudo converge e n'Ele e com Ele tudo se completa. Por isso, Paulo VI, colocando esta ideia perante os olhos de todos os conciliares, manifesta-lhes o desejo de que «nenhuma outra luz se veja nesta reunião (no Concílio), a não ser Cristo, luz do Mundo; que nenhuma outra verdade interesse as nossas almas que não sejam as palavras do Senhor e que nenhuma outra aspiração nos guie, a não ser o desejo de lhe sermos absolutamente fiéis...»

Cristo é luz, verdade, vida. É o caminho!

Os principais fins do Concílio não têm em vista senão o aperfeiçoamento, a revitalização, a maior consciencialização

da Igreja, no seu *mistério*, que consiste em realizar Cristo, ou seja, em tornar-se realidade embebida de presença divina.

S. S. Paulo VI resumira em quatro pontos os fins do Concílio, a saber: «conhecimento ou consciência da Igreja; sua reforma; recondução de todos os cristãos à unidade; colóquio da Igreja com o mundo contemporâneo». E apresentou como tema principal da 2.ª sessão «tudo quanto diga respeito à própria Igreja». Pretende-se, afirmava S. S., «investigar-lhe a essência íntima, para dela dar, na medida em que isso é possível à linguagem humana, a definição que lhe é própria, e que melhor nos instrua sobre a sua constituição real e fundamental e que nos mostre a sua acção múltipla e salvífica». A Igreja, é, de facto, um mistério. Mistério precisamente por ser eterna no temporal, e divina no carnal, em que se enraíza e em que se desenvolve! Daí a dificuldades em falar dela e em compreendê-la só com forças humanas!

Por isso é que o Concílio se debruça num clima de fé, em ambiente de caridade, em abertura à acção divina — tendo Cristo como modelo único — sobre o que é a Igreja: os seus Bispos, os seus militantes, todos os seus fiéis, religiosos, sacerdotes, pessoas consagradas; todos os cristãos, seja qual for a comunidade a que pertençam; todos os homens, seja qual for a fé que professam. Todo o povo de Deus! E naturalmente o povo escolhido, consagrado especialmente pelo baptismo e com direitos especiais quanto à participação da graça de que a Igreja de Cristo é depositária e que Jesus dispensa por meio dela, nos sacramentos, na pregação e expansão da palavra divina; em toda a vida humana dirigida para Cristo vivo, sobretudo, a caridade e o louvor divino ou culto dos mistérios divinos. A caridade leva à Liturgia e esta conduz àquela.

A *Cristo vivo corresponde a Igreja viva*. — Tal é o princípio pelo qual se deve pautar toda e qualquer reforma que se imponha ao Concílio. Esta reforma, diz S. S. Paulo VI, «não é uma subversão da vida presente da Igreja, ou uma ruptura com a sua tradição no que esta tem de essencial e venerável, mas antes uma homenagem a esta tradição, no próprio acto de a despojar de toda a manifestação caduca e defeituosa, para tudo aparecer genuíno e fecundo.»

Conhecemos já suficientemente o pensar do actual Papa e a sua linha de conduta em relação ao Concílio que prossegue e prosseguirá em sessões ulteriores.

Todavia, por ora, resta focar ainda um ponto característico. É que o Concílio tem por objectivo último abrir um diálogo, não entre os bispos, mas com o mundo. «Significa isto que o presente Concílio, acentua Paulo VI, é caracterizado pelo amor, mais extenso e mais urgente, pelo amor que pensa nos outros primeiro que em si mesmo; pelo amor universal de Cristo!» E mais adiante, dirigindo-se a toda a humanidade, e a todos os seus valores, acrescentava: «E Igreja olha para o mundo com profunda compreensão, com sincera admiração e com sincero propósito, não de o conquistar, mas de o servir; não de o desprezar, mas de o valorizar; não de o condenar, mas de o confortar e salvar.»

Como fruto de um pensar originado pelo ambiente de Concílio, isto é um apelo, um testemunho, uma graça. Compete-nos a nós corresponder-lhe, ser-lhe fiéis, obedecer-lhe confiantemente e humildemente.

Como todo o turista que se preza, logo que chegue à cidade-luz comecei a procurar avidamente os seus motivos de maior interesse: admirei os seus "boulevards", e praças, subi à Torre Eiffel e ao Arco do Triunfo, detive-me nos seus cemitérios a relembrar e figuras notáveis que ali repousam, afidiguei-me na visita aos seus palácios, igrejas e museus, fui de longada até Verselhes onde os últimos Luizes estadearam o esplendor dos seus reinados e a S. Dinis onde tantas personagens reais jazem nos seus túmulos.

Depois de uma permanência de quase vinte anos no Rio de Janeiro para onde fui em 1907 e com onze anos de idade, regressi definitivamente a Portugal em 1926, depois de haver feito, entretanto, quatro visitas à minha terra. Liquidados os meus modestos negócios e só tendo a meu favor a circunstância de, naquela altura, o dinheiro brasileiro valer o triplo do português, cheguei aqui quando a nação se encontrava exangue, aniquilada por tentes lutas fratricidas. O desembarque em Lisboa ainda se fazia, como das outras vezes que vim, em botes ou lanchas, com o navio a meio do Tejo, como se desembarcássemos numa ilha da Polinésia e não nessa cidade de cujo porto partiram, outrora, os descobridores de meio mundo. Também a atravessar o Atlântico só havia, naquele tempo e sob o pavilhão português, dois ou três navios velhos e roncetos que tinham sido confiscados aos alemães na primeira Grande Guerra.

Lisboa era então uma cidade suja, maltratada, onde em muitas partes se encontravam vestígios das constantes revoluções e atentados que, por muitos anos, tinham feito de Portugal o triste jogral da Europa. Como me custava adaptar-me ao por mim reconhecido atraso da minha terra, resolvi, pouco após a minha chegada, fazer uma viagem a Paris. Eu tinha a cabeça cheia da literatura francesa, da fama dos guerreiros, dos sábios e dos artistas dessa França de civilização requintada e, assim, quis conhecer também esse atraente país, sobretudo a sua capital que os povos de todas as latitudes consideram um tanto a metrópole do pensamento, a cidade universal.

Como todo o turista que se preza, logo que cheguei à cidade-luz comecei a procurar avidamente os seus motivos de maior interesse: admirei os seus "boulevards", e praças, subi à Torre Eiffel e ao Arco do Triunfo, detive-me nos seus cemitérios a relembrar e figuras notáveis que ali repousam, afidiguei-me na visita aos seus palácios, igrejas e museus, fui de longada até Verselhes onde os últimos Luizes estadearam o esplendor dos seus reinados e a S. Dinis onde tantas personagens reais jazem nos seus túmulos.

Como todo o turista que se preza, logo que cheguei à cidade-luz comecei a procurar avidamente os seus motivos de maior interesse: admirei os seus "boulevards", e praças, subi à Torre Eiffel e ao Arco do Triunfo, detive-me nos seus cemitérios a relembrar e figuras notáveis que ali repousam, afidiguei-me na visita aos seus palácios, igrejas e museus, fui de longada até Verselhes onde os últimos Luizes estadearam o esplendor dos seus reinados e a S. Dinis onde tantas personagens reais jazem nos seus túmulos.

Nós aqui, no nosso país não temos, em regra, uma conversa em que não venha à baila a França, a Inglaterra, a América e todos esses países mais próximos ou mais distantes que estão sempre no pensamento português mesmo no das classes mais humildes, facto que se explica pelo nosso pendor atávico para o mundo que nos é estranho. Ora aquele silêncio sobre Portugal e as nossas coisas foi interpretado por mim como prova de desinteresse ou da ignorância dos outros povos a nosso respeito, havendo embora que considerar que o francês é, como alguém o definiu, "um cavalheiro condecorado, ignorante em geografia, e para quem as terras afastadas da sua, sobretudo as que não se impõem pela sua grandeza material, são "des pays de lés-bes, que não merecem ser faladas.

Havia naquela altura, na margem direita do Sena mesmo em frente à Torre Eiffel, situada na outra margem, o palácio do Trocadéro, parece que já hoje desaparecido. Esse palácio de estilo mourisco, servia de museu de etnografia e, um dia, resolvi ver também o que havia no interior do Trocadéro, atraído

mais pela arquitectura deste do que pelo interesse que a etnografia me inspirava. Mal eu imaginava que era ali que ia encontrar, desde que me achava em França, a primeira coisa que se referia ao meu Portugal distante.

Efectivamente, no primeiro andar, mesmo no topo da monumental escadaria que ele conduzia, deparei com um carro de lavoura tendo apostado uma junta de bois de raça barroza, sobre o carro uma pipa ornamentada com ramos de loureiro e à frente dos bois uma moçoila com uma mão na soga e outra na agulhada tudo em tamanho natural e feito com total fidelidade que o espectáculo, à primeira vista, me deu a impressão de que não me encontrava no interior dum palácio parisiense mas antes numa estrada à volta de Braga a ver passar um casco de vinho que, da adega do lavrador, seguisse para a "venda", onde ia ser consumido. Tudo era tão tipicamente minhoto que, para um português o reconhecer, era desnecessária a legenda "atrelage portuguesa, que se via num cartaz preso a um fuero do carro.

Porém, se a contemplação daquele motivo etnográfico me deu cmpreensível satisfação, pois me lembrava a minha terra, tal satisfação logo se converteu em tristeza quando pensei que só um arcaico carro de bois representava, em tal museu, um país tão antigo e glorioso, o que vinha confirmar a minha convicção de que Portugal era uma nação atrasada ou, pior ainda, decadente, convicção que já vinha de longe, adquirida durante aqueles vinte anos da minha permanência no Rio de Janeiro, período durante o qual as perturbações políticas, desacreditando Portugal, impediam também o seu progresso, isto ao mesmo tempo que o Brasil se expandia, se entregava a um notável desenvolvimento, o que tornava a grande nação, alvo das atenções de todos os povos.

Desde então passei a fazer, anualmente, uma viagem por essa Europa fóra e, em 1931, assisti em Paris à Exposição Colonial Internacional que ali se realizou. Nessa grandiosa exibição em que, a par de outros países, também Portugal tinha o seu pavilhão, a França cuja bandeira flutuava, então, sobre quase doze milhões e meio de quilómetros quadrados de território nos cinco continentes, mostrava eloquentemente a sua grandeza e a sua influência no mundo. Visitando na mesma altura a Itália verifiquei o movimento ambicioso que o fascismo animava, tendente a fazer reviver o império de César Augusto... A seguir fui encontrar a Alemanha a trabalhar sorradeira e febrilmente numa recuperação que o tratado de Verselhes entravava.

Quando à Inglaterra onde estive também, ela era, então, o maior império do globo, o polvo gigantesco que do seu habitat numas ilhas brumosas do Mar do Norte, estendia em todas as direcções os seus imensos e poderosos tentáculos para nesses envolver uma quinta parte da esfera terrestre.

É esta a altura de eu confessar que, algumas vezes, durante essas viagens, quando tinha de declinar a minha nacionalidade, dizia-me brasileiro e procedia assim para evitar ouvir certas referências depreciativas da minha verdadeira pátria. Os livros em que aprendi, na escola, as minhas primeiras e finais últimas letras, eivados de mórbido pendor para as coisas do passado, cheios de referências a glórias e grandezas já desvanecidas ao tempo e, por isso, hoje inoperantes, mas que têm servido nos últimos dois séculos de narcótico às boas almas portuguesas, como o haxixi serve aos árabes e o ópio aos chineses, tinham-me mostrado o Brasil como assombrosa criação da gente lusa, como nova e imensa Terra Prometida, onde havia lugar para todos os éxitos, espaço para todas as ambições. Ora eu verifiquei sempre, durante a minha estadia no Brasil que eram os portugueses, entre todos os estrangeiros, os que eram ali, mais desprezados chegando-se ao ponto de se fomentarem campanhas xenofobas, visando especialmente os humildes lusos, como no caso do então muito falado movimento contra os pescadores poveiros, forçados a naturalizar-se brasileiros ou a deixarem o Brasil (alternativa esta por que optaram) e isto tudo porque, segundo certo chauvinismo então em voga, aqueles pobres pescadores que tinham ido para ali ganhar o seu pão e também para contribuir para que os nacionais soubessem melhor extrair do mar o valioso pescado, constituíam um perigo para a segurança do Brasil!!!

Esta melquerença, digo mesmo aversão que inspirávamos aos brasileiros derivava, certamente, do espectáculo condenável que Portugal dava ao mundo, entregue à demagogia e à desordem e quando emigrávamos em massa, quase todos sem qualquer preparação intelectual ou profissional para nos irmos sujeitar, num país que os nossos antepassados tinham criado, às mais servís e degradantes ocupações. Seria essa a razão precipua porque Portugal era olhado com desdém, com desamor e tal maneira de ver estabelecia-se também no espírito dos próprios portugueses emigrados que não tinham então motivos para se ufanarem da sua terra...

A. S. S.

(Continua)

**A NOVA SKYRITER SMITH CORONA**  
C / Maleta de Luxo

A máquina portátil por excelência, vendida segundo o novo programa de prestações de 100\$00 mensais, sem entrega inicial.

DISTRIBUIDORES:  
**Araújo & Sobrinho, Suc.ªs**  
LARGO DE S. DOMINGOS, 50 — TELEF. 29151  
PORTO (6)



## O preço da energia eléctrica

No último número de «O Vila-verdense», pedimos ao Sr. Presidente da Câmara, que dissesse ao povo de Vila Verde, as razões do preço proibitivo, em escalões, da energia eléctrica que tem impedido a instalação de indústrias no nosso concelho e nos impossibilita de viver uma vida melhor.

Confrange-nos ver semelhante atitude, principalmente quando vemos e ouvimos, na Televisão ou na Rádio, o Sr. Ministro da Presidência, o Sr. Ministro da Economia, o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, etc, a dar uma satisfação à Nação dos seus esforços e do seu trabalho. E todos lucram com isso; a Nação fica a saber dos esforços feitos, das dificuldades a vencer e dos obstáculos que é necessário transpor.

Todos sabem que a imprensa é

uma força e «O Vila-verdense» já tem ajudado a resolver alguns problemas do Concelho. Porque se não utiliza mais uma vez esta ajuda, para resolver um problema que é de nós todos, um problema que nos envergonha e que nos impede de viver uma vida de homens civilizados?

O Governo, especialmente o Sr. Ministro da Presidência, fazem todos os esforços para que Portugal vença o atrazo que nos separa dos outros países, principalmente dos países do Mercado Comum, mas não é com a energia a este preço que nós o conseguiremos. Ajudemos pois o Governo resolvendo este problema. É um o sentimento que nos anima.

A Bem da Nação.

NOBRE POVO

**AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO**

As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

**ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ªs, L.ªda**  
Rua D. Manuel II, n.º 55  
PORTO  
Telef. 21957 (4)  
Teleg. Roselândia

**Animais — Aves — RAÇÕES**

Preparam-se os juntandos cereais ou resíduos «CALCIO mais VITAMINAS E ANTI-BIÓTICOS», (Mais economia e eficiência).

**Laboratório da Farmácia Pinho**  
Guia - (Leiria)

**Fogões de sala em tijolo**

O proprietário deste estabelecimento participa aos Ex.ªs Clientes e amigos que tem em depósito, prontos a entregar, muitos e vários modelos a preços muito em conta

**RUA DOUTOR ALVES VEIGA N.º 120**  
Telefone 25862 PORTO





# CORRESPONDÊNCIAS

## Parada de Gatim Portela do Vade

Atrazado 5-11-63

### A' Margem do "Homem," Pico de Regalados

-Encontram-se bastante doentes as Sras Laura de Araújo Regadas e Custódia Maria da Silva, do lugar de Mazagão. Desejamos-lhes melhoras.

-Retirou já para o Brasil, depois de uma temporada de descanso na sua terra, o nosso conterrâneo João de Castro Fernandes, do lugar de Portela.

Também para terras de Santa Cruz embarcaram há dias os jovens Paulo da Cunha Regadas, do lugar da Igreja, e António Fernandes, do lugar do Rêgo, que além-atlântico se vão juntar a seus pais no esforço de melhorar a sua carreira. - C.

#### S.ta Marinha de Oriz

-Em 24 de Novembro findo, com o nome de João, foi baptizado na Igreja desta freguesia mais um filho de José Gonçalves Dias e de Palmira da Silva Alves do lugar do Carvalho. Foram padrinhos José Maria Fernandes e Adelaide Gonçalves desta freguesia.

-Na paróquia da vizinha freguesia de Souto, consorciaram-se, a 30 de Novembro último, os jovens Clotilde Rodrigues da Fonseca desta freguesia e José Dantas Esteves, da mesma freguesia de Souto, onde fixaram residência.

Ao novo lar desejamos muitas prosperidades. - C.

#### S. Pedro de Valbom

-Em 4 de Novembro findo foi baptizado, com o nome de José, um filho de Constantino da Silva Rocha e de Aurora Fernandes da Silva, do lugar da Cerca. Foram padrinhos os tios paternos Artur da Rocha e Florinda Martins Pimenta.

-Encontra-se bastante enferma a Sr.a Augusta Rodrigues, do lugar de S. Bento, a quem desejamos prontas melhoras. - C.

#### Paçô

-Com o nome de António, foi em 17 de Novembro último baptizado um filho de João Marques Pereira e de Olívia Perreira Martins, do lugar das Eiras.

-Em 26 do mesmo mês foi o baptismo de outro menino, com o nome de Manuel, filho de Joaquim António de Araújo e de Almerinda de Jesus Gomes, do lugar de Perdêlo.

Foram padrinhos do primeiro António Evaristo Pereira e do segundo Sebastião José Gomes Martins e Rosa de Jesus Gomes. - C.

#### Valdreu

-Na Igreja paroquial realizou-se em 20 de Novembro o casamento de Manuel Rodrigues Marinho, natural de Ásias Ponte Barca, com a menina Norma Fiesenhansen Rodrigues, natural de Valdreu. Foram padrinhos António Rodrigues Marinho e Rosa Rodrigues Marinho.

Os noivos fixaram residência no lugar de Cerzedelo desta freguesia. - C.

#### Valbom-S. Martinho

-No dia 17 de Novembro foi a festividade do Sagrado Coração de Jesus que teve tríduo preparatório acargo de um distinto orador sagrado. Fizeram a profissão de fé 8 meninas, e a primeira comunhão 7 meninas e 8 meninos.

-Hospitalizada numa clínica de Lisboa encontra-se a criancinha, Maria Questódia Dias Rodrigues, filha de António Rodrigues e Maria Pereira Dias.

Trata-se de doença que exige longo tratamento pelo que terá aguardar o leito muito tempo, mas está livre de perigo. Desejamos à menina Custódia rápidas melhoras. - C.

#### S. Miguel de Prado

Realizou-se no primeiro dia do corrente mês a festa em honra de Santo André que se venera na respectiva capela do lugar de Vilela desta freguesia. O dia apresentou-se de chuva fria, mas isto não impediu que os devotos do grande apóstolo de Jesus se dirigissem ao local para implorar o valioso auxílio do mesmo.

Esperamos as bênçãos do glorioso santo para o pároco da freguesia e para todas as pessoas que com ele colaboram para a realização da festa com as suas esmolas e assistência.

#### Sande

No dia 30 Novembro realizou-se o casamento de Manuel Horácio de Araújo com Glória Maria de Jesus Barros.

-No primeiro dia do corrente mês foi baptizada a primeira filha de Adelino de Barros e Rosa Fernandes da Costa caseiros da Quinta do Senhor José Ferreira Braga. A menina recebeu o nome de Maria da Conceição da Costa Barros e teve como padrinhos seu avô materno, João Fernandes da Costa e sua tia materna Maria Fernandes da Costa.

-Dia do emigrante - Realizou-se no dia um do corrente o dia do emigrante com missa celebrada às 10 horas pelas intenções de todos os filhos desta terra que, em várias partes do mundo, trabalham para melhorar as condições económicas das respectivas famílias.

Da parte de tarde também se realizaram vários actos do culto pelas mesmas intenções.

Os ausentes merecem a nossa atenção, pois todos os anos mandam as suas esmolas para as despesas do Sagrado Lauspereme a realizar no dia 10 do corrente e para o tríduo do Sagrado Coração de Jesus.

Apesar do câmbio ser desfavorável para vir dinheiro do Brasil, já alguns enviaram as suas esmolas para o pároco da nossa terra, que, como agradecimento, envia a cada um uma lembrança.

É um meio que se usa há vários anos para que os ausentes não esqueçam a sua terra e os seus deveres religiosos.

#### Vilarinho

Estão em curso grandes obras na nossa pequena Igreja paroquial que há muito estava necessitada de que os habitantes da terra lhe dispensassem a sua atenção.

Esperamos que vai sentir uma grande transformação com as obras que se vão realizar.

#### Sabariz

Faleceu, no passado dia 26 de Novembro, confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, na sua residência, na Casa de Fundevila o Sr. Rubens Faria de Almeida. O seu funeral realizou-se no dia 27 pelas 9 horas para a igreja paroquial, seguindo-se missa de corpo presente e officio aos quais assistiram pessoas de grande relevo e muitos fiéis. No final, cerca das 10,30 saiu o cortejo fúnebre para o cemitério de Soutelo, onde o saudoso extinto foi sepultado em jazigo de família.

Depois de serem recitados os responsos fúnebres foi convidado o Sr. António da Silva Pereira para fechar a urna.

A família enlutada apresentamos os nossos mais sentidos pésames.

Missa do 7.º dia. - Também no passado dia 30 foi rezada a Missa do 7.º dia às 7 horas na igreja paroquial de Sabariz por alma do saudoso finado de Fundevila. Assistiram a este acto religioso grande número de fiéis. - C.

## FREIRIZ

-Numa das Semanas do passado mês de Novembro, pregado pelo Senhor Abade de S. Vicente Braga realizou-se nesta freguesia o tríduo do Sagrado Coração de Jesus. Apesar das invernia a assistência a todos actos religiosos foi numerosa.

-Esta a decorrer também a novena da Imaculada Conceição, que se realiza todos os dias às 6,30 horas.

-Encontra-se hospitalizada na Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde, onde foi operada Felecidade Alonso de Oliveira esposa do José Machado.

-Vindo de França, encontra-se de visita a sua esposa e filhos o nosso assinante Sr. João Lopes.

-A menina Maria de Sousa já se encontra no Brasil em companhia de pai António de Sousa e de seu irmão; estes ultimos já estão a alguns anos.

-Faleceu no dia 27 passado, no lugar das chãos, onde vivia com seu filho e nora José Custódio da Mota.

Foi sufragado com missa ao corpo presente.

Pêsamos á família e paz à sua alma.

## TURIZ

Foi muito sentida nesta freguesia a morte do P.º Malheiro, ocorrida no passado dia 27 na freguesia de Duas Igrejas, onde era actual Pároco. Antes de ir para lá, parou aqui durante dez anos esta freguesia com grande zelo apostolico, não se poupando a trabalhos para elevar o nível espiritual e moral dos seus paroquianos. Foi sobretudo com as crianças que ele mais se evidenciava, procurando ao lado da catequese proporcionar-lhes momentos alegres.

Por isso foram grandes as saudades que ele deixou agora pela triste notícia da sua morte. Em reconhecimento se deslocou ao seu funeral uma comissão desta freguesia presidida pelo nosso pároco. Por sua alma foi celebrada missa de sétimo dia, além de outras, Paz à sua alma e pésames à sua Família.

Partiram para França a Senhora Maria José da Mota para junto de seus filhos e a Sr.a Arminda Braga com três filhos para junto de seu marido. - C.

**Electricidade**—Depois de tanto esperar, já vão decorrendo 2 anos, fez-se luz, foi dada a luz electrica à nossa povoação da Portela do Vade e a atães. Entretanto os empregados dos Serviços Municipalizados da Câmara vão fazendo as baixadas para as várias casas dos moradores, ligando a energia à rede pública.

O pároco de Covas, Rev.º P.º Domingos Simões de Abreu, esteve internado no Hospital da Ponte da Barca, onde fez uma operação. Correu bem a operação cirúrgica, já se encontrando felizmente bem em sua casa.

**Óbito**—Faleceu na semana passada em sua residência paroquial de S. Tomé do Vade, Rev.º P.º Abilio Gonçalves Imperadouro, pároco daquela freguesia e arcipreste da Ponte da Barca.

De regresso da França encontram-se já junto das suas respectivas famílias onde vêem passar as festas do Natal os nossos amigos Sr. José de Araújo Antunes e Arlindo Teixeira de Sousa.

**Tríduo**—Realizou-se na semana passada o Tríduo do SS. Coração de Jesus na freguesia de Aboim, sendo como de costume, muito concorrido.

Também se encontra em sua casa, junto de sua família, na Portela do Vade, o Sr. José Antunes Dias, capitão do navio bacalhoeiro "D. Fernando," tendo regressado da faina da pesca do bacalhau, após seis meses de ausência nos mares do Norte.

Depois de se ter feito durante o mês de Novembro, o exercicio do mês das almas e o mês do rosário na nova Igreja, está a fazer-se a novena da Imaculada Conceição - C.

## Necrologia

### P.º Manuel Abreu Araújo Malheiro

Faleceu, no dia 27 de Novembro em Duas Igrejas, Vila Verde, às 14 horas, o rev. do padre Manuel Abreu Araújo Malheiro, natural de Godinhaço, onde nascera em 2 de Agosto de 1893.

Era filho de João Abreu Araújo Malheiro e Maria Júlia Almeida

Ordenado em 2 de Agosto de 1924, parou aqui as freguesias de Rio Mau e Turiz, e Duas Igrejas desde Outubro de 1939

Era tio do sr. Manuel Abreu Araújo Malheiro e de D. Maria Adelaide Fernandes Malheiro.

O funeral realizou-se no dia 29 às 10 e 30, na igreja paroquial de duas Igrejas, com officio e missa, sendo em seguida, sepultado no cemitério paroquial desta freguesia.

Presidiu a estas cerimónias fúnebres e celebrou a Missa de Requiem o Rev. Acipreste, Cón. Domingos Peixoto da Costa e Silva, e estiveram presentes grande número de sacerdotes do arciprestado. O povo de duas Igrejas sentiu profundamente a morte do seu venerado Padre e associou-se ao préstito fúnebre com manifestos sentimentos de pesar.

Paz á sua alma

\* \* \*

No lugar do Campo da Feira no dia 30 de Novembro, faleceu D. Aurora Costa, solteira, de 71 anos de idade;

No mesmo lugar do Campo da Feira, no dia 30 de Novembro, faleceu Deolinda Fernandes-Rosas, viuva no lugar da Bouça; No dia 2 de Dezembro, faleceu Maria Soares, casada com Manuel da Silva Coelho, de 86 anos de idade.

**Casa Claro**

- DE -

**Paulo de Sousa Claro**

Fábrica de depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D. Diogo de Sousa, 100  
TELEFONE, 22305 BRAGA



- DE -

**Mário Joaquim de Quelós & C.**

TELEFONE, 22013 BRAGA

**Pastelaria BAR VILAVERDENSE**

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes a preços excepcionais - Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA



Preço anual da Assinatura	
Continente	30\$00
Ultramar e Brasil (via marítima)	60\$00
» (aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	70\$00
» (via aérea)	160\$00

## Problemas da crise da Lavoura

(Continuação da 1.ª página)

Em 27 anos de existência da Comissão de Viticultura, em regime de comissão administrativa, os lavradores não foram ouvidos nem consultados, limitando-se a pagar taxas e a receber benefícios embora limitadíssimos.

Depois de 27 anos, ainda se afirma que a estruturação da Comissão de Viticultura está em estudo e que não é de um dia para outro que se pode modificar. Nós os lavradores duvidamos que tenhamos de esperar mais outros 27 anos para a remodelação dessa estrutura. Assim tem sido um organismo a viver da Lavoura, mas não é da Lavoura. As Finanças do Estado também beneficiam o lavrador em parte, vivem do lavrador, mas ninguém lhes pode chamar Organismo da Lavoura.

Uma das razões da elevação das taxas é que a Comissão teve, em 27 anos, 7 anos de saldos negativos e 20 de positivos e que as taxas são de há cerca de 20 anos.

Ora, nestes 27 anos, não tiveram os lavradores mais de sete anos de saldos negativos e os preços dos vinhos não são inferiores aos de há vinte anos?

Precisa a Comissão de novas taxas para o seu plano de abertura de armazéns de recolha e comercialização dos vinhos, para a queima dos vinhos em aguardantes de boca e sua exportação — planos que já aqui defendemos — e para ampliação do plano das Cooperativas.

Mas ficou-nos a dúvida se esses planos estão estudados pormenorizadamente, de modo que atinjam perspectivas eficazes, capazes de influenciar o mercado geral dos vinhos da Região Demarcada.

Se existem, por que não foram publicados os mapas concretizadores junto da exposição, porque já estamos tão incrédulos, que só cremos apalpando.

E foi essa uma das grandes dúvidas que ficou a pairar na mente dos lavradores presentes na reunião, que eles não expuseram, porque não lhes deixaram falar.

Os jornais diários não o pressentiram, porque estavam longe deles e vivem nas cidades longe da Lavoura e dos seus problemas. Tememos que apareça aqui e ali um armazém ou uma Cooperativa a fazer bonito e pouco mais.

Reconheceu também a improvisação da queima dos vinhos e louvou os que nela intervieram.

A quem se deve essa improvisação? Não é verdade que estas crises do vinho verde não são impossíveis, mas sim cíclicas, repetindo-se com maior ou menor violência nos anos de fatura? E então em 27 anos de existência da Comissão não houve tempo de estudar e de formar uma orgânica capaz de deblar o extremo das crises e esta a que chegamos, de modo que tudo foi necessário improvisar?

Quanto aos louvores, faltou louvar o Governo que deu a massa para a queima dos vinhos. Estamos nós gratos ao senhor Ministro da Economia, ao senhor Secretário da Agricultura e a todo o governo, que nos deu uma grande escola. Beijamos-lhes as mãos. Diz: «... Conseguiu a Comissão de Viticultura improvisar uma estrutura que permitiu desde 8 de Agosto até esta data «queimar», sob seu único e inteiro risco, 20,717 pipas de Vinho Verde».

Ora valha-nos Deus! .. falta dizer que o governo deu para essa queima trinta e cinco mil contos, que se propalava ser para a queima de trinta mil pipas.

Com a massa dos outros a granel, mais do que o valor da mercadoria a comprar, não faltam heróis. Estou convencido de que até qualquer empresa comercial se prontificava a fazer tal improvisação. Até nós a fazíamos e éramos capazes de ganhar no negócio.

Fiquei na dúvida de que, sendo queimadas 35.000 pipas, sendo concedidos 35.000 contos, sendo pago o vinho em média de menos de mil escudos a pipa, se ainda salvava a massa. E para quem ficam as aguardantes ou álcool da queima? Tantas dúvidas!...

Não devíamos da honestidade da operação, mas queríamos saber, porque assim ficamos, ao contrário de tais jornalistas, na dúvida.

E os erros cometidos? Porque só se exigiam os vinhos melhores e mais são para a queima, quando ela se destinava a álcool ou aguardantes vulgares? Assim ficavam as adegas com os vinhos mais fracos, quando era de todo o interesse colectivo e individual a retirada dos fracos, porque são de difícil venda e servem de padrão, na venda dos mercados, de aviltamento de preços e de depreciação das qualidades dos nossos vinhos.

Continuamos com mais dúvidas. Como se vai resolver a crise dos vinhos no actual ano a não ser que Deus Nosso Senhor o resolva com um ano escasso na produção — com queima? e o governo estará disposto a dar mais milhares de contos?

Estará em condições de o poder fazer, dadas as nossas dificuldades na defesa nacional? Estará disposto a ser vaca leiteira numa falta de organização?

E como se vai evitar o facto de o lavrador necessitado lançar em grande escala, mesmo em anos menos abundantes, o vinho nos mercados, ao mesmo tempo, por necessidades financeiras, provocando as baixas de preços de ocasião, de que se aproveitam os intermediários? Bastará a esperança dos tais armazéns etc. .. daqui a longos anos, e não morreremos pelo caminho?

Nem sequer se falou em promover ou conseguir que as entidades oficiais financiem os vinhos em depósito no lavrador, como se fazem em outras regiões.

Se a Junta Nacional dos Vinhos o fizesse, nós dar-lhe-íamos de bom agrado mais os 25\$00 por pipa. Perdido por dez, perdido por mil; a testa está tísica mas ainda não secou. Pagamos tudo, mas tirem-nos o vinho da adega, ou ajudem-nos a aguentar-nos.

De tudo isto há umas certezas. Apesar de termos uma Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, numa Região Demarcada, estamos numa crise como poucas na história dos vinhos verdes. O lavrador é esbulhado; oferecem-lhe pela pipa de vinho, mais ou menos o que lhe custou a sua produção. Se não fosse o governo com os 35.000 contos para a queima dos vinhos, ter-se-iam deitado fora ou dado nesta última colheita.

Temos de pagar mais taxas, e depois o futuro se verá. Depois das dúvidas e das certezas, alimentamos algumas esperanças.

Esperamos no Governo, no Senhor Ministro da Economia, que, naquela histórica reunião do Governo Civil de Braga, ouviu todos os interessados na economia do Distrito de Braga, calmamente, a todos respondendo, e de que resultaram amplas perspectivas e inegáveis realizações — ao contrário da Comissão de Viticultura que nunca ouviu os lavradores. Chamou-os para lhes comunicar. Sua Excelência deve intervir. Queremos a Comissão de viticultura e a Região Demarcada dos Vinhos Verdes, mas

### Vila de Prado

Nada de novidades. Como os «póliticos» não são novidades mas... «indécencias», tudo corre na normalidade, sem factos a assinalar.

NOVO DEPÓSITO DA

### Padaria de Santo António

É com a maior satisfação que comunicamos a todos os PRADENSES a abertura do nosso depósito de pão no próximo dia 16 do corrente, no Lugar da Ponte. Todas as pessoas residentes na Ponte poderão assim adquirir pão de trigo e de milho fornecido pela Padaria de Santo António, a dois passos de suas casas. Esperamos o prazer da vossa visita.

com uma comissão em que a Lavoura esteja representada pela Federação dos seus Grêmios, pela representação das Cooperativas dos vinhos e dos lavradores e ainda da Junta Nacional dos Vinhos como organismo de mais alta coordenação.

Deve Sua Excelência pedir planos concretos de acção, justificados em números, porque não pode entregar-se a sorte da Lavoura seja a quem for, porque de boas intenções está o inferno cheio. Ao fim e ao cabo o lavrador queixa-se do seu governo que não lhe acode — o que não é verdade. Acima de todos os interesses, paixões e influências deve estar o Governo. É tempo de intervir e cortar de cima. Cá por baixo nunca se chega a bom termo.

Esperamos na inteligência, dinamismo e boa vontade do senhor presidente da Comissão Costa Leme.

Esperamos que a Comissão de Viticultura, quando convide os lavradores para suas reuniões, se prepare e deixe falar os interessados, para serem esclarecidos. Lembrem-se de que já estão saturados de promessas, de comissões e de organismos inoperantes e já pouco confiam. Não têm razão? Nós na Imprensa Regional, que convive com os lavradores e sente os seus problemas e as suas desilusões, temos de os ilucidar e conduzir, mas para isso precisamos de elementos seguros. Aqui estamos na brecha, como a voz dos lavradores e como lavradores.

Pode a Comissão de Viticultura e o seu ilustre Presidente, agora metido numa empresa bem difícil, contar com a nossa colaboração, mas só levaremos para a frente a parte da Lavoura que depende e confia em nós, desde que as nossas dúvidas sejam depostas.

Então a nossa colaboração será pronta e leal.

Padre Manuel Gonçalves Diogo

## A eleição

### da Junta de Freguesia de PRADO

(Continuação da 1.ª página)

António Augusto de Sá Machado (Cantinhos) e seus filhos Joaquim de Sá Machado e Fernando de Sá Machado; e ainda João Lopes Ferraz;

a) — Ora o António Gomes Soares não foi incluído nos que tomaram parte na arruaça do dia de Páscoa o que mostra que a local do n.º 192 não diz respeito ao requerente nem contém qualquer propósito de injúria ou difamação.

O Director de «O Vilaverdense»

Cón. Domingos Peixoto Costa e Silva

### Francamente!...

Este esclarecimento supra vem mesmo a propósito de... De quê?

O nome do António Gomes Soares não vinha esclarecido, ninguém sabia (ao longe!) que tinha sido eleito efectivo da Junta e, por isso, ninguém o considera «arruaçeiro» ou coisa que se lhe pareça.

Ainda se fosse um esclarecimento através da Redacção e gratuito a desfazer «possíveis mal entendidos», mas pelo Tribunal, com todas as formalidades legais... Francamente!... Cá para mim me parece que o «requerente», não lhe custou o dinheiro a ganhar e, além do mais, que pretende ser considerado entre as pessoas «importantes» com a sua especial etiqueta a fim de manterem certa linha de exigência social. É importante fazer constar que pertence à Junta. Formidável!...

Que isto de vir o nome nos jor-

nais é coisa falada à distância!... Ora vejam lá. O António Gomes Soares é agora o nóvel Presidente da Junta de Prado eleito por 47 votos testemunhados. E isto aconteceu (facto importante na vida dos povos!) «às nove horas e cinco minutos do dia 28 de Setembro de 1963».

Não seria em 6 de Outubro?

Ainda bem que não foi em 31 de Fevereiro pois se tal acontecesse, dada a escassez de votantes, seria um frio de arripiar à volta da caixa de baunilha que então serviu de urna onde as «forças vivas» elegeram os mais altos magistrados da política local.

Na verdade o António Gomes Soares não foi incluído entre os arruaçeiros, mas nesse dia de Páscoa comeu com eles à mesa, saiu com eles à rua e são eles os seus colegas de todos os dias.

... E por isso os Chefes de Família de Prado não gostaram que fosse eleito o António Gomes Soares para Presidente da Junta de Freguesia.

Claro que os gostos não se discutem (o que seria do amarelo?! ) e agora «hay que gramar» porque a lei é lei.

Se o António Gomes Soares nos permite um conselho, aqui vai: Nunca se faça jornalista — ainda que endinheirado! — sem primeiro arranjar um seguro social contra todos os riscos porque «os jornalistas nunca passam por homens honrados».

## CARREIRAS DE ONTEM E DE HOJE

S. Miguel de Carreiras, nome completo da freguesia, está situada a uns oito quilómetros de Vila Verde, e colocada na bisectriz do ângulo que com o vértice nos Corvos formam as estradas de Prado e Vila Verde.

Terra que nos tempos cuevos dos alvares da nacionalidade deu vivenda a grandes vândalos de condés e Príncipes. Embora se diga que freguesias vizinhas desta gozassem da mesma honra, o certo é que só nesta freguesia se encontram vestígios. Quem viver em Carreiras sente ali um ambiente característico — o ambiente nacional.

A vida no campo é diferente da vida na cidade, e como tal, se aqueles tendem imitar estes, lá vai aquela concepção que vários poetas de todos os tempos tiveram do campo.

Fazendo apologia à vida simples, vê-se que Carreiras pode muitíssimo bem ser enquadrada nesse âmbito. Existem nesta freguesia lugares que deslumbram a paisagem, e se tornam de grande importância, não só pela sua expressão artística, mas também pela sua história e situação privilegiada; contudo notemos em primeiro lugar o que disse o saudoso P.º João Vieira de Andrade, tendo sido também pároco desta freguesia onde exerceu missão importante.

\*Existe nesta freguesia (S. Miguel de Carreiras) o lendário Castelo cuevo, da fundação da nacionalidade, sendo, pois, monumento nacional; o qual tem passado por várias transformações, tendo ultimamente sido reparado e acomodado-se a um pequeno museu.

Estas transformações foram feitas pelo Ex.mo Sr. Carlos Chamber, conhecido pelo Inglês, que afirma ser propriedade sua, visto estar situado em terrenos seus. Este Castelo é conhecido por Torre de D. Egas Paes de Penegatte. Junto desta Torre existe uma linda capela em honra de Nossa Senhora da Penha — conhecida por Senhora da Pena, e contém um musiléo que tem a seguinte inscrição: — DOCTORIS MICHAELIS VASADARIS ET SUCESSORUM. Ano de 1668. Na parede da capela, na parte exterior encontra-se numa inscrição já incompleta que tem a data de 1617, dando a entender que fora construída nesta data pelo referido doutor MICHAELIS VALADARES — dono do Castelo. Na verdade o cenário é lindíssimo, quase único no concelho de Vila Verde, embora não deixe de ser estranho a muita gente.

Prove-se que o lugar é de grande beleza natural, porque se assim não fosse não seria escolhido para residência de

Castelo. Ali, junto da Torre, a que já fizemos referência, ergue-se quase que, como a remeter ao céu a Capelinha da Senhora da Pena — o templo mariano que com o ALVÍO são os únicos existentes no concelho de Vila Verde.

É lindo o panorama que se descobre na sua pompa e aérea formosura; este cenário onde nada se encontra de artificial, domina por completo, a freguesia, e não só a domina como a tem também a seus pés, pois, lá em cima está a Senhora da Pena, Senhora tão querida do nosso povo, onde, tanto em dias de amargura como em dias de bonança correm e agradecem-lhe, prostrando-se a seus pés, implorando-lhe graças do céu. Como é comovente nima tarde lida subir lá cima e encontrar multíssimas vezes num ambiente solitário onde muitas vezes não se ouvem rumores de nada, apenas ao canto triste das aves fez com as estâncias, ver de joelhos num tom humilde, a gente do povo, da nossa terra a rezar isolados do resto do povoação.

Parece-me que todos os que ali nascem e vivem não querem outra freguesia para viver, mas se, como é vida, têm de ausentar-se, ve-los-emos nas horas de visita, permanecerem um pouco junto da Estância da Pena; pois o recinto quase sempre se encontra limpo, embora as árvores despedindo as folhas as lancem para o chão amareladas e pálidas de jornada; mas logo se limpa e toda fica com grande beleza e asseio. Se muitas vezes se vive ali um ambiente isolado, outras vezes vemos que grande de pessoas povoam o lugar. Embora poucos, mas já de terras longínquas, turistas visitam a estância da Pena pois ali encontram-se monumentos de dois tipos — profanos e religiosos.

E porque grande parte do público ignore uma tal beleza natural. Será por que as vias de comunicação não são acessíveis? talvez, mas esperamos por melhores dias. Como ambiente tradicional temos de vive-lo, pois se os povos de outrora, festejavam a Senhora da Pena, e onde se faziam festas de grande fama, hoje, embora os tempos vão evoluindo, continua-se a mesma tradição.

Dia 21 de Setembro, cheguei à minha terra natal e não sei por que, mas o povo mostrava-me simpatia, mais vida, mais movimento. Quis certificar-me, qual o motivo; e de repente deparei com a Estância da Pena e fala-se em festa, festa na Pena, que jamais se deixara de efectuar.

No Castelo, a bandeira flutua, o que só em dias festivos acontece. Fiquei

imensamente satisfeito por ver tanta alegria e reparei que todos viviam esta quadra festiva. Houve então no dia 21, Hora Santa, quando o sol já se havia escendido e logo a princípio já tudo dava provas de bom êxito, o que assim aconteceu.

No dia 22 houve missa cantada e de tarde — adoração, sermão e procissão. Foi orador sagrado o sr. P.º Antonio Marques Ferreira — pároco de Carreiras.


Não só o sermão como todas as solenidades estiveram a seu cargo e não haja dúvida que o sr. P.º António M. Ferreira com uma expressão delicadíssima dirigiu toda a festividade o melhor possível. Fez precisamente um ano que o Sr. P.º António deu entrada nesta freguesia e por ordem do povo digo aqui que a sua acção tem sido benéfica — sabe agir, é delicado em todos os assuntos, cumprindo bem o seu dever de Pároco.

Entrou com bons planos; ele está contente, nós paroquianos também, e que Deus o conserve nesta freguesia durante muito tempo.

Esta freguesia vai ter dentro em breves dias luz eléctrica, estando a instalação quase completa; e se durante vários anos, mesmo muitos e muitos anos, vivíamos com grande tristeza, a Estância da Pena sem luz, com certeza que daqui por diante, principalmente em dias de festa, veremos o Castelo iluminado assim como a Capelinha e todo o recinto — contanto com a colaboração do Senhor Charles J. Chambers.

Não se fala por enquanto em luz pública, pelo menos na Estância da Pena, mas cremos que no decorrer do próximo ano, será resolvido tal plano.

PEREIRA GONÇALVES



**E. J. Chambers**  
Portela de Penela  
Vila Verde

Compro selos usados em quantidade ou envelopes com os selos colados. Somente interessam selos vulgares, nacionais, ultramarinos e estrangeiros.